

CIPA's com diálogo e ações educativas

Em 1º de junho dezenas de representantes dos trabalhadores tomaram posse nas mais de 80 CIPA's da Cemig e já têm pela frente grandes desafios, dentre eles, transformar a política de saúde e segurança da empresa.

Se depender dos trabalhadores e dirigentes sindicais eleitos para o novo mandato de dois anos nas CIPA's e ouvidos pelo Chave Geral, o foco da política de saúde e segurança da empresa vai mudar, e para melhor. Fábio Graciano, diretor da Regional Metalúrgica e eleito membro da CIPA do São Gabriel, diz que é fundamental fazer um plano de ação para mudar conceitos e combater a visão da Cemig de que tudo é custos. "Saúde e segurança é uma questão de vida e os custos não devem vir em primeiro lugar", cobrou.

"Como representante dos

empregados na CIPA Sede, creio que terei uma grande oportunidade de contribuir para a preservação da saúde e integridade física dos nossos colegas e de todos aqueles que interagem com a empresa", destaca a cipista Silvana Barbosa.

Para ela, será um grande desafio, pois o trabalho esbarra em dificuldades como a conscientização dos trabalhadores sobre todos os aspectos da saúde e segurança, julgando, inclusive, serem imunes a acidentes, e a própria cultura empresarial de se colocar a prevenção como custo e não como investimento.

João Geraldo Eustáquio dos Santos, dirigente sindical e membro da CIPA da Itambé, critica que não pode simplesmente apontar falhas e punir. "Temos que, de fato, resolver os problemas com mudanças no processo de trabalho, com ampla



Diretoria do Sindieleiro se prepara para os cursos de Cipa que estão sendo realizados no interior

participação dos trabalhadores e planejamento, sem aceitar os pacotes de normas punitivas e que só agravam a tensão e a insegurança", enfatiza.

O diretor da Regional Mantiqueira, Jarbas Discacciati, da CIPA de Ponte Nova, disse que as discussões devem envolver também os trabalhadores ter-

ceirizados enquanto se aguarda a primarização das atividades-fim. "Além das condições de trabalho das empreiteiras que nos impõem muitas demandas de saúde e segurança, na região temos problemas com a falta de manutenção da rede da Cemig que são potenciais para acidentes", revela.

Para o companheiro Kennedy Ruffo Sobrinho, da CIPA de Barbacena, "precisamos é

de uma política de educação em saúde e segurança e não de ações punitivas". O cipista de Curvelo e diretor da Regional Norte, Euler Raimundo Gomes, reconheceu que hoje há uma maior consciência de que as atividades não devem se limitar a atender exigências do Ministério do Trabalho e da gerência. "Nossa proposta é integrar mais as CIPA's da empresa", aposta.

Cipa deve ser espaço democrático e de renovação de conceitos

Para o diretor de Saúde e Segurança do Sindieleiro, Jairo Nogueira Filho, e a médica do Trabalho, Ana Lúcia Murta, um dos principais desafios é tornar as CIPA's um espaço democrático, atuante e com total envolvimento dos trabalhadores na discussão de ações para a saúde e segurança. Eles lembram que a empresa impôs uma cultura de que a CIPA deve gastar as quatro horas garantidas no ACT em atividades com a análise de índices de segurança e atendimento às demandas da gerência, sem ter autonomia para decisões realmente importantes.

Com esta postura, ob-

serva Ana Lúcia, a Cemig não atende completamente o item 5.16 da NR 5 (a Norma Regulamentadora da CIPA), que define 15 atribuições para a Comissão Interna para a Prevenção de Acidentes, como a elaboração de um mapa de todos os riscos do processo de trabalho, plano de ações e promoção do cumprimento das NR's e cláusulas de ACT's ou convenções relativas à saúde e segurança.

Formação

"Nos cursos de saúde e segurança que estamos realizando no estado buscamos uma formação voltada para o verdadeiro papel das CIPA's, que é atuar levando em conta as peculiaridades e os riscos da sua área de tra-

balho, dialogando permanentemente com os trabalhadores", destaca Jairo Nogueira.

Ele lembra que a Cemig desvirtua o trabalho das CIPA's impondo uma programação de atividades que extrapola as suas atribuições. Uma dessas atividades é demandar palestras para a comunidade. "É uma iniciativa muito importante e realmente deve ser feita, mas a Cemig tem que criar outro espaço para esse debate. Diante dos recordes de acidentes e da subnotificação de doenças ocupacionais, todas as CIPA's precisam estar muito mais focadas no trabalho de garantir a saúde e segurança", afirma.



O papel da Secretaria de Saúde e Segurança

A Secretaria funciona para atender a categoria em todas as suas dúvidas sobre o tema, com apoio político e técnico.

Recebe denúncias e intercede em casos de assédio ao trabalho das CIPA's e dos eletricitários. A estrutura do órgão inclui, além do diretor, uma médica do trabalho e dois médicos residentes, cedidos através de convênio com a UFMG. Contatos pelo telefone (31) 3238-5000 ou e-mail saude@sindieletrorg.br.

Cemig mantém desvio de função e não discute mobilidade e nem PCR

RH não cumpre Acordo Coletivo e enrola mais uma vez no PCR. Transferência de trabalhadores continua cercada de denúncias de apadrinhamento

Pelo último ACT, a direção da Cemig deveria ter apresentado em abril os critérios de mobilidade junto com as novas regras do PCR. Apesar da cobrança insistente por parte da direção do Sindieletro, o RH da empresa ainda não convocou nenhuma reunião para discutir o assunto. O sindicato já apresentou à empresa a denúncia de que há vários trabalhadores em desvio de função, mas o RH também não tomou qualquer providência.

A situação irregular se arrasta há vários anos e só será

solucionada com regras claras para a mobilidade. A empresa é acusada por vários eletricitários de usar o apadrinhamento para transferências que só são autorizadas quando é de interesse dos chefes. Enquanto isso, trabalhadores em desvio de função esperam há anos a regularização da sua posição no quadro funcional da Cemig.

Depois de esvaziar o Comitê do PCR, em 2006, a direção da Cemig ainda empurrou a discussão do Plano para o Grupo de Trabalho. Os representantes da Companhia afir-

maram, no início do ano, que os critérios seriam apresentados ao sindicato disciplinando a mobilidade, concursos interno e externo. O diretor do Sindieletro, Marcelo Correia, destaca que, ao contrário do que está nos acordos, a direção da empresa e o RH estão fazendo o que querem, sem conhecimento do sindicato e da categoria.

“O RH não cumpre o que está no Acordo do PCR e do ACT e em vez de negociar com o sindicato, enrola, o que só aumenta a insatisfação dos trabalhadores.



Foto: Benedito Maia/Arquivo

Cemig descumpra o ACT ao não discutir os critérios de mobilidade

O final do ano está chegando e até hoje não sabemos como vamos discutir a avaliação de desempenho já que não há negociação”, destaca o diretor. Também ficou só na promessa a criação de novos níveis para a carreira técnica-administrativa, que desde a criação do PCR está desvalorizada.

resolver a situação, a eletricitária foi encaixada pelo RH no nível 8, que nem de longe remunera o trabalho que realiza na Cemig, sem receber o retroativo das perdas no período. “Pelas regras do PCR eu deveria estar no nível 9, como técnica administrativa”, lamenta.

Exploração

Foram mais de dois anos de tentativas frustradas de negociação com a gerência e o RH que lhe custaram várias noites de insônia, crises de ansiedade e duas licenças médicas. “Meu chefe falava que estava fazendo o possível, mas não resolvia nada. Eu esperava pelas reuniões do PCR, mas estava tudo travado no RH. Pedi para voltar para meu setor, mas o chefe só autorizaria minha saída se eu arrumasse uma substituta”, conta.

Segundo a trabalhadora foi um período extremamente desgastante pois, além da perda de dinheiro, tinha uma cobrança por produção muito grande. “Até nas férias ligavam para eu vir trabalhar, em contrapartida recebia só o descaso da empresa. Foi uma batalha muito grande e só foi em parte resolvido com muita pressão. Quem passa por esta situação sabe que dá para deprimir qualquer trabalhador”, explica.

Paralisação na Gasmig foi primeiro passo para grande mobilização

Foto: Regional Metalúrgica



Os trabalhadores da Cemig cedidos para a Gasmig interromperam as atividades em Belo Horizonte e Juiz de Fora, na manhã do último dia 9, em protesto contra a demora da direção da empresa em definir a situação dos eletricitários na subsidiária.

A paralisação foi uma forma de pressionar a direção da empresa pela abertura das negociações com re-

presentantes dos trabalhadores. No mesmo dia, a direção do Sindieletro participava de reunião com o presidente da Gasmig para negociar um Acordo que garanta estabilidade para trabalhadores.

O coordenador-geral do sindicato, Wilian Vagner, destaca que a grande adesão dos trabalhadores à paralisação comprova o enorme descontentamento dos eletricitários com os

prejuízos que vêm sofrendo nos últimos anos.

“Hoje quem é da Cemig e está na Gasmig não tem direito à auxílio-educação, a novo enquadramento no PCR ou ao concurso interno e ainda não consegue voltar para a Companhia. Os trabalhadores estão atentos e vão manter a mobilização até que haja verdadeiramente negociação”, explica Wilian Vagner.

Mobilização

Eletricitários participam de primeiras setoriais dentro da Cemig desde 2001

Organização no local de trabalho, fim da terceirização e saúde e segurança foram temas das setoriais realizadas nas unidades da empresa

Na semana passada os eletricitários participaram das primeiras setoriais realizadas dentro da empresa desde 2001. O Acordo entre o Sindieleto e a Cemig para reuniões nas unidades da empresa foi feito em maio deste ano. Na primeira rodada de setoriais houve debates sobre organização no local de trabalho, segurança e a sentença da Justiça do Trabalho pelo fim das terceirizações na empresa.

Para o coordenador-geral do Sindieleto, Wilian Vagner, as setoriais são significativamente importantes. “Se levarmos em conta que até pouco tempo dirigente sindical era agredido por tentar garantir este espaço, as setoriais são uma vitória. Os eletricitários devem aproveitar as reuniões para a interação da categoria, recebendo informações do sindicato e

apresentando sugestões e esclarecendo dúvidas”, avalia.

Os eletricitários da Itambé, em BH, discutiram a sua organização no auditório da Cemig. O diretor de Comunicação e Cultura do Sindieleto, Marcelo Borges, participou da reunião e destaca a importância da retomada das setoriais. “A direção do sindicato não tem receita para resolver os problemas vividos pelos eletricitários, mas junto com os trabalhadores, pode encontrar solução para muitos impasses. Por isso esse diálogo direto é tão importante”.

O diretor financeiro do Sindieleto, Herom Raimondi Lima, considera que as setoriais iniciaram a construção da próxima Campanha para a Renovação do ACT. “Para quem entrou na empresa nos últimos anos, esta é a primeira setorial no local de trabalho. Este é um



Reunião Setorial na Sede: diálogo direto com os trabalhadores

espaço novo de organização e a tendência é ampliar a presença do eletricitário no debate sobre o setor de trabalho e o país”, avaliou.

Debate de qualidade

Os trabalhadores da Mantiqueira se reuniram no auditório da Cemig em Barbacena e Conselheiro Lafaiete. O coordenador da Regional, Eugênio Canuto, diz que os “eletricitários

estão insatisfeitos com a avaliação de desempenho e com o engessamento das carreiras e pediram maior flexibilidade no PCR”. No Triângulo trabalhadores de Uberaba e Paracatu destacaram a necessidade da empresa cumprir a NR 10 e acabar com as umplas e manifestaram apoio à primarização. “O trabalhador entende que a terceirização interessa apenas às



empreiteiras”, diz o diretor do Sindieleto, Salim Gomes.

O coordenador do sindicato na Metalúrgica, Leonardo Timóteo, destaca a setorial na EFAP, em Sete Lagoas, que reuniu 150 trabalhadores de diferentes regiões do Estado. “Durante o debate, os eletricitários comprovaram ter consciência da necessidade de melhorar as condições de segurança e deixaram claro que não agüentam mais ouvir falar em acidente”, contou.

O coordenador da Regional Norte, Alex Fabiano, diz que a categoria deve cobrar a realização das setoriais e utilizar todo o tempo conquistado para o debate, discutindo, inclusive, avanços em relação à periodicidade e duração das reuniões. “Com estas reuniões, começamos a discutir a renovação do ACT mais cedo. É bom lembrar que o sucesso de uma campanha depende justamente do envolvimento da categoria” diz Alex.

Eletricistas reclamam de veículos

Alguns trabalhadores procuraram a Regional Oeste para reclamar do desconforto e prejuízos à saúde causados pelo banco dianteiro da caminhonete Ford Ranger 2005, utilizada pela Cemig na região e outros locais do estado. O banco do veículo, que é usado por duplas de eletricitistas, é inteiriço e com regulagem igual para o motorista e passageiro.

Se o trabalhador que dirige for de estatura pequena e o passageiro mais alto este último ficará com todo o corpo encurvado, além das pernas espremidas e dobradas.

Há casos de trabalhadores que estão sentindo fortes dores nas costas, inclusive com dificuldades para dormir.

Um eletricitista revelou que em época de chuva as equipes são forçadas a trabalhar o dia inteiro, viajando por horas. “Chegamos em casa sem conseguir sentar e dormir direito”, disse.

Em Uberaba a reclamação é a mesma e a solução proposta pela Cipa foi a troca dos bancos. Outro trabalhador lembrou dos problemas do caminhão Iveco, que possui cabine estreita, bancos sem regulagem, que obriga o passageiro a ficar sentado com as pernas sobre a roda

dianteira. “Como pode a empresa comprar veículos sem considerar os aspectos ergonômicos e a saúde dos trabalhadores?”, questionou.

Absurdo

Para o coordenador da Regional Oeste, Celso Primo, “é absurdo” que uma empresa do porte da Cemig decida adquirir veículos que causam dano à saúde do trabalhador. Ele cobra que é de responsabilidade da Cemig achar uma solução para o problema, visto que, com a centralização e fechamento de agências, os eletricitistas passaram a ser obrigados a percor-

rer centenas de quilômetros para atender muitas localidades, ficando muito tempo expostos à situação de desconforto do carro.

A Norma Regulamentadora 17 determina que a empresa deve garantir o máximo de conforto, segurança, saúde nas atividades de seus empregados. Para a médica do Trabalho, Ana Lúcia Murta, está em jogo a saúde do trabalhador e é dever da empresa oferecer maquinário e equipamentos que se adaptem às condições físicas do ser humano, considerando que cada um tem biotipo diferente.

Contramão

Garantir o cumprimento do Acordo nas usinas e subestações é o desafio para a categoria. As gerências das usinas de Igarapé, Nova Ponte e Volta Grande, no Triângulo, e na Vila Mauricéia, em Montes Claros, descumpriram o Acordo com setoriais do lado de fora. Esta semana, o Sindieleto terá reunião com a superintendência da G/A para cobrar o cumprimento do Acordo. “A existência de área de risco não é desculpa para não haver reuniões nestas unidades, que possuem auditórios e refeitórios”, avalia Marcelo Borges.

S

DES

BALANÇO SOCIAL DA CEMIG 2007

SAÚDE E SEGURANÇA

Escalas de turno de revezamento sem o período de descanso ideal, a cobrança por produtividade acima da capacidade do indivíduo, trabalho isolado de eletricitas e excesso de horas extras formam um quadro que não pode resultar em outra coisa que não acidentes.

Descartando as principais normas de saúde e segurança do setor elétrico, como a NR10 e NR5, do Ministério do Trabalho e Emprego, a Cemig conseguiu atingir índices alarmantes de acidentes de trabalho.

De 1999 – ano em que a terceirização foi intensificada na Cemig – até junho deste ano, 68 trabalhadores morreram. Dentre as vítimas, 20 trabalhadores eram do quadro próprio da empresa e 48 eram trabalhadores de empreiteiras. Esses números são a prova de que a Cemig vem praticando uma política de saúde e segurança inócua, focada no aspecto punitivo.

A empresa não investe na formação e instrução continuada e é incapaz de envolver os trabalhadores na construção de

sua política de saúde e segurança, única maneira para que a prática preventiva seja, de fato, incorporada ao trabalho.

Dados fornecidos pela Cemig à Fundação Comitê de Gestão Empresarial (Fundação Coge) e ao Sindieletrô revelam que a empresa é hoje líder em acidentes graves e fatais no setor elétrico brasileiro. Diante dessa situação, o Ministério Público do Trabalho de Minas Gerais ingressou com uma Ação Civil Pública pedindo o fim da terceirização da atividade-fim na empresa e o cumprimento de uma série de medidas de saúde e segurança.

Em maio deste ano, a 4ª Vara do Trabalho de Minas Gerais deu sentença favorável à ação, estipulando a abertura de concurso público para todos os cargos de atividade-fim que hoje estão ocupados por trabalhadores terceirizados. A Cemig terá um prazo de nove meses para o cumprimento da sentença.

Mas para sair da vergonhosa posição de líder em acidentes do setor elétrico, a Cemig

precisa rever sua atual política de saúde e segurança, envolvendo o trabalhador na criação de uma nova diretriz. Além disso, deve cumprir as normas regulamentadoras, recompor o quadro de empregados, repensar as escalas de trabalho, bem como o uso de sobreavisos e de horas-extras.

PROGRAMA-SE

Vem aí o Curso de Saúde e Segurança da Regional Metalúrgica

No mês de agosto a Secretaria de Saúde do Sindieletrô irá realizar em Belo Horizonte o Curso de Saúde e Segurança, já realizado nas Regionais Vale do Aço, Norte e Mantiqueira.

O objetivo é debater temas como condições de trabalho, prevenção, dentre outros aspectos para a criação de um ambiente de trabalho seguro.

Construído a partir das experiências de cada eletricitário, o Curso de Saúde e Segurança é desenvolvido de

forma conjunta e participativa para todos os membros de Cipa's.

A dinâmica agrega as informações trazidas pelos próprios trabalhadores, possibilitando que cada um desconstrua e reconstrua conceitos de saúde e segurança.

A partir do método de análise de causas, o trabalhador descobre, destrinchando o fato, o porquê do acidente e em quais as condições ele aconteceu. Então coloque na agenda: em agosto tem Curso de Saúde e Segurança.

Número de acidentes fatais típicos do setor elétrico brasileiro - 2005

